

## Observação de *Bullying*: Avaliação, sensibilidade moral e motivação para ajudar as vítimas

Sónia Pereira<sup>1</sup> & Madalena Melo<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Évora

<sup>2</sup> Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia

**Resumo:** Enquadrado numa investigação mais ampla que pretendia identificar os tipos de comportamento prevalentes nos/as observadores/as das situações de *bullying* e os motivos que os/as influenciam a intervir ou não em tais situações, foram objetivos deste estudo: 1) Verificar a existência de diferenças de género e de idade nos tipos de comportamento face às situações de *bullying* e nas razões que levam os/as observadores/as a intervir ou não; 2) Analisar a relação entre os tipos de comportamento dos/as observadores/as e os motivos que os/as influenciam a intervir ou não. Participaram neste estudo 481 estudantes, do 5º ao 9º ano de escolaridade. Os resultados evidenciaram a existência de diferenças de sexo e de idade, quer nos tipos de comportamento face ao *bullying*, quer nas razões que influenciam a decisão dos/as observadores/as a intervir ou não nas situações de *bullying*.

**Palavras-chave:** *Observação de bullying; Sensibilidade moral básica; Empatia; Desengajamento moral; Afastamento da situação de bullying.*

**Bullying observation: Evaluation, moral sensitivity and motivation to help the victims** Based on a broader investigation that aimed at identifying the type of behaviors prevailing in bystanders, and the reasons that influence them to intervene or not in bullying situations, the aims of this study were: 1) to verify the existence of gender and age differences in the type of behaviors in bullying situations and in the reasons to intervene or not; 2) to analyze the relationship between the type of behaviors of bystanders and the reasons that influence them to intervene or not. The sample consisted of 481 students from 5th to 9th grade. The results showed the existence of gender and age differences, both in the types of behavior in relation to bullying, and in the reasons that influence the decision of bystanders to intervene or not in bullying situations.

**Keywords:** *Bystanders; Basic moral sensitivity; Empathy; Moral disengagement; Avoidance of bullying situations.*

A prevalência substancial do *bullying* escolar bem como das suas consequências significativas negativas (imediatas e a longo prazo), aumentaram a importância da sua pesquisa. Contudo, a verdade é que a maioria das investigações realizadas tem-se focado nas características dos/as agressores/as e das vítimas (por exemplo, Baldry & Farrington, 2000; Berger, 2007; Duncan, 2004; Espelage, Bosworth, & Simon, 2000; Unnever, 2005), como se o *bullying* fosse um processo diádico, considerando-se apenas a interação *bully-vítima*, enquanto o contexto de grupo é ignorado ou esquecido (Salmivalli, Lagerspetz, Björkqvist, Österman, & Kaukiainen, 1996; Sanders, 2004). É neste sentido que novas perspetivas sobre este fenómeno defendem que o *bullying* não pode ser considerado um processo isolado entre o/a agressor/a e a vítima, salientando a necessidade de se olhar o *bullying* como um fenómeno de grupo, onde outras crianças e jovens também participam (Espelage, Holt, & Henkel, 2003; Fekkes, Pijpers, & Verloove-Vanhorick, 2005; Hawkins, Pepler, & Craig, 2001; Salmivalli & Voeten, 2004; Sutton & Smith, 1999), e que se desenrola num determinado contexto socioecológico (Carvalhosa, 2009; Nickerson, Aloe, & Werth, 2015; Rose, Nickerson, & Stormont, 2015).

Relativamente às outras crianças e jovens que também participam nas situações de *bullying*, estas referem-se aos/as observadores/as, ou seja, crianças que testemunham as situações de *bullying* (Tsang, Hui, & Law, 2011).

<sup>1</sup> Dados para correspondência: Madalena Melo, Departamento de Psicologia, Universidade de Évora, Colégio Pedro da Fonseca, PITE - Parque Industrial e Tecnológico de Évora, Rua da Barba Rala, 7000 Évora. E-mail: mmm@uevora.pt

Contudo, tais observadores/as não são meros/as espetadores/as passivos/as (Twemlow, Fonagy, & Sacco, 2004), mas sim participantes, que tal como os/as agressores/as ou vítimas, também têm um papel ativo e constituem um elemento importante na compreensão do fenómeno complexo que é o *bullying*, por diversas razões. Primeiro, os/as observadores/as geralmente representam o grupo maioritário de participantes durante os episódios de *bullying* (Oh & Hazler, 2009). Em segundo, os papéis que assumem durante os episódios de *bullying* (cf., por exemplo, os papéis de Salmivalli et al., 1996: assistentes dos/as agressores/as, reforçadores/as dos/as agressores/as, *outsiders* e defensores/as das vítimas), acabam por influenciar as dinâmicas das situações de *bullying*, afetando a sua intensidade, frequência e resultados. Por exemplo, de acordo com Salmivalli, Voeten e Poskiparta (2011) o *bullying* é mais frequente em contextos em que o reforço dos comportamentos dos/as agressores/as por parte dos/as observadores/as é maior. Em terceiro, apesar de estudos observacionais mostrarem que os/as observadores/as apenas intervêm entre 11% a 25% dos episódios de *bullying* (Atlas & Pepler, 1998; Craig & Pepler, 1997; Hawkins, Pepler, & Craig, 2001; O'Connell, Pepler, & Craig, 1999; Salmivalli, 1999), um estudo observacional de Hawkins et al. (2001) verificou que quando os/as observadores/as intervêm e tentam parar a situação de *bullying*, são eficazes na grande maioria dos casos. Por fim, parece ser mais fácil mudar o comportamento dos/as observadores/as do que o comportamento dos/as agressores/as, uma vez que, na maioria das vezes, já têm fortes atitudes contra o *bullying* (e.g., pensam que o *bullying* é errado, sentem-se mal pelas vítimas, e muitas das vezes expressam o desejo de fazer algo por elas; Salmivalli, Kärnä, & Poskiparta, 2010).

Desta forma, compreender que variáveis influenciam os diferentes papéis assumidos pelos/as observadores/as permite obter pistas para melhorar os esforços feitos ao nível da prevenção e intervenção no *bullying* (Oh & Hazler, 2009), pois conseguimos compreender como os/as podemos ajudar a tornarem-se verdadeiros/as defensores/as. Neste sentido, na presente investigação, tomou-se como base para a compreensão dos fatores/razões que influenciam os/as observadores/as a intervir em situações de *bullying*, o quadro conceptual de Thornberg, Tenenbaum, Varjas, Meyers, Jungert e Vanegas (2012) que considera que a decisão de ajudar ou não a vítima (i.e. intervir ou não intervir) numa situação de *bullying* depende de como os/as observadores/as definem e avaliam a situação, o contexto social e a sua própria agência. Assim, existe um conjunto de domínios motivacionais que pode influenciar a motivação de um/a estudante a intervir ou não em situações de *bullying*: 1) a interpretação do dano na situação de *bullying* (se considerar que a situação é danosa ou perigosa, aumenta a motivação para intervir); 2) as reações emocionais (o medo de ser também vítima faz diminuir a motivação para intervir, enquanto que a empatia motiva para a ajuda à vítima); 3) a avaliação social (o estatuto social da vítima e do/a agressor/a e/ou relações de amizade para com eles/as interferem na decisão de intervir nas situações de *bullying*); 4) a avaliação moral (a crença de que o *bullying* é algo de errado faz aumentar a probabilidade de intervenção, enquanto que a crença na não responsabilidade do/a observador/a leva a diminuir essa probabilidade); 5) a autoeficácia (quanto mais elevada for a crença de autoeficácia mais elevada será a motivação para intervir).

## Objectivos

O presente estudo está enquadrado numa investigação mais ampla, onde foram feitos estudos de validade das escalas utilizadas, procurando-se identificar os tipos de comportamento prevalentes nos/as observadores/as das situações de *bullying* e os motivos que os/as influenciam a intervir ou não nas situações de *bullying* (Pereira, 2015).

Após este estudo prévio, estabeleceram-se como objetivos do presente estudo:

1. Verificar a existência de diferenças de sexo e de idade nos tipos de comportamento face às situações de *bullying* e nas razões que levam os/as observadores/as a intervir ou não;
2. Analisar a relação entre os tipos de comportamento dos/as observadores/as e os motivos que os/as influenciam a intervir ou não.

## MÉTODOS

### Participantes

Para a presente investigação, a amostra foi composta por estudantes do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, de escolas da zona de Évora, tendo-se recorrido a um método de amostragem não causal, por conveniência (Marôco, 2011). Foram recolhidos 542 questionários, tendo sido eliminados 61 por apresentarem respostas dadas ao acaso ou por terem em falta dados de caracterização. Desta forma, a amostra final é composta por 481 participantes, de quatro escolas públicas da região de Évora, dos quais 201 (41.8%) são do sexo masculino; do total de estudantes, 149 (31%) frequentam o 5º ano, 127 (26.4%) o 6º ano, 74 (15.4%) o 7º ano, 59 (12.3%) o 8º ano e 72 (15%) o 9º ano. As idades eram compreendidas entre os 9 e os 16 anos ( $M = 11.92$ ;  $DP = 1.60$ ). A Tabela 1 mostra a distribuição dos/as participantes por grupos de idade.

**Tabela 1.** Sexo, média de idade e escolaridade dos grupos de idade (valores de desvio padrão entre parênteses).

Grupos de idade	Sexo masculino	Sexo feminino	Total
9 - 10 anos	50	55	105
11 anos	54	69	123
12 - 13 anos	58	93	151
14 - 16 anos	39	63	102
<b>Total</b>	201	280	481

### Instrumentos

Para a recolha de dados foi utilizado um questionário de rápido preenchimento, cujo início continha uma breve introdução sobre a sua natureza, o carácter confidencial dos dados recolhidos, bem como instruções para o seu preenchimento. Para além de questões de caracterização sociodemográfica e escolar (e.g., sexo, idade, ano de escolaridade), este questionário era composto por duas escalas: 1) a Escala de Comportamento de Observadores de Bullying – ECOB, uma tradução e adaptação da Student Bystander Behavior Scale – SBSS (Thornberg & Jungert, 2013); 2) a Escala de Avaliação e Sensibilidade Moral face ao Bullying – EASMB (Pereira & Melo, 2014).

A SBSS é uma escala de 8 itens que se baseia nos quatro papéis do/a observador/a propostos por Salmivalli et al. (1996) e permite identificar três tipos de comportamento: Comportamento Defensor, Comportamento Outsider e Comportamento Pro-Bully (que engloba itens que fazem referência ao papel de assistente e ao papel reforçador dos/as observadores/as). Os 8 itens são avaliados numa escala de 5 pontos, entre “nunca” e “sempre”.

A EASMB é uma escala criada propositadamente para esta investigação, com o propósito de analisar fatores/razões que influenciam os/as observadores/as a intervir ou não nas situações de *bullying*. A construção desta escala teve como base o quadro conceptual das motivações dos/as observadores/as para intervir em situações de *bullying* (Thornberg et al., 2012), bem como três escalas da investigação de Thornberg e Jungert (2013), designadamente a Basic Moral Sensitivity in Bullying Scale, a Moral Disengagement in Bullying Scale e a Defender Self-Efficacy Scale. Para a criação dos itens da EASMB, tomou-se como ponto de partida os 11 itens das três escalas de Thornberg e Jungert (2013) que foram traduzidos e adaptados para língua portuguesa (tradução inglês/português e retroversão recorrendo a uma pessoa bilingue). Seguidamente, mantendo as bases teóricas já expostas, foram criados 10 novos itens que foram desenhados de forma a contemplar as diferentes dimensões do quadro conceptual das motivações dos/as observadores/as para intervir ou não em situações de *bullying*, designadamente: a) interpretação do dano na situação de *bullying*; b) reações emocionais – empatia e receio de se tornar vítima; c) avaliação social – amizades; d) avaliação moral – desengajamento moral; e e) autoeficácia. O instrumento final é composto por 21 itens, avaliados numa escala de 7 pontos, de “totalmente falso” a “totalmente verdadeiro”.

A análise psicométrica dos instrumentos utilizados permitiu verificar que estes mediam os constructos a que se propunham de forma válida e fiável (Pereira, 2015). Relativamente à ECOB, esta mostrou identificar com qualidade 3 tipos de comportamento dos/as observadores/as face a situações de *bullying* (explicativos de 60.62% da variância total): Comportamento Pro-Bully, Comportamento Defensor e Comportamento Outsider. Relativamente à EASMB, esta mostrou identificar com qualidade 4 fatores que influenciam o/a observador/a a intervir ou não nas situações de *bullying* (explicativos de 46.94% da variância total): 1) Falta de Sensibilidade Moral Básica – falta de sensibilidade para reconhecer os efeitos prejudiciais do *bullying* e simpatizar com as vítimas; 2) Afastamento da Situação de *Bullying* – agrupa itens que refletem um afastamento da situação de *bullying* por parte dos/as observadores/as, por receio das consequências que dela podem advir, por níveis baixos de autoeficácia, ou por não se verem envolvidos/as na situação, uma vez que não estão implicados/as diretamente na mesma; 3) Empatia – capacidade para compreender e experienciar os sentimentos de outra pessoa; 4) Desengajamento Moral – agrupa itens que refletem alguns dos mecanismos de desengajamento moral de Bandura que permitem que as pessoas justifiquem comportamentos desumanos sem se sentirem culpadas ou censuradas por isso (cf. Pereira, 2015).

### Procedimento

A recolha de dados foi feita após terem sido obtidas as necessárias autorizações (Ministério da Educação, órgãos diretivos das escolas e encarregados/as de educação) e o consentimento informado dos/as participantes. Os questionários foram administrados pelas investigadoras e/ou diretores/as de turma em cada escola, em circunstâncias que não prejudicassem as oportunidades de aprendizagem dos/as estudantes, durante o 3º Período do ano letivo de 2013/2014 e o 1º Período do ano letivo de 2014/2015.

Os dados obtidos foram analisados através do *software* de análise estatística *IBM SPSS Statistics* (versão 21).

## RESULTADOS

Como se pode verificar na Tabela 2, os rapazes relatam de forma estatisticamente significativa mais comportamentos *pro-bully* do que as raparigas,  $t(479) = 2.76$ ;  $p = 0.006$ ; em contrapartida, as raparigas relatam mais comportamentos defensores comparativamente aos rapazes,  $t(479) = 2.08$ ;  $p = 0.038$ .

**Tabela 2.** Médias e desvios padrão dos diferentes fatores da ECOB em função do sexo (teste  $t$ )

	Sexo		$t$	$gl$	$p$
	Masculino (n = 201)	Feminino (n = 280)			
	$M$ (DP)	$M$ (DP)			
Comportamento <i>pro-bully</i>	1.30 (0.50)	1.19 (0.41)	2.76	479	.006
Comportamento defensor	2.52 (0.71)	2.65 (0.66)	2.08	479	.038
Comportamento <i>outsider</i>	3.17 (1.03)	3.05 (1.09)	1.20	479	.229

No que se refere às razões que levam os/as observadores/as a intervir ou não, e tal como é apresentado na Tabela 3, comparativamente às raparigas e de forma estatisticamente significativa, os rapazes parecem relatar uma maior insensibilidade para reconhecer os efeitos prejudiciais do *bullying* e simpatizar com as vítimas, bem como uma menor capacidade para compreender e experienciar os sentimentos de outra pessoa (i.e., empatia).

**Tabela 3.** Médias e desvios padrão dos diferentes fatores da EASMB em função do sexo (teste  $t$ ).

	Sexo		$t$	$gl$	$p$
	Masculino (n = 201)	Feminino (n = 280)			
	$M$ (DP)	$M$ (DP)			
Falta de sensibilidade moral básica	2.07 (0.93)	1.79 (0.82)	3.44	479	.001
Afastamento da situação de <i>bullying</i>	3.77 (1.34)	3.74 (1.28)	0.27	479	.791
Empatia	6.13 (0.86)	6.39 (0.76)	3.40	479	.001
Desengajamento moral	2.58 (1.51)	2.44 (1.36)	1.03	479	.304

No que diz respeito às diferenças de médias nos tipos de comportamento face às situações de *bullying* em função da idade, os resultados apresentados na Tabela 4 mostram que existe uma diferença significativa entre os grupos de idade ao nível dos comportamentos defensores. O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as entre os 9-10 anos e os/as alunos/as entre os 14-16 anos ( $p = .006$ ), como/as alunos/as mais novos/as a relatarem mais comportamentos defensores do que os/as alunos/as entre os 14 e os 16 anos.

**Tabela 4.** Médias e desvios padrão dos diferentes fatores da EASMB em função da idade (ANOVA).

	Grupos de idade				$F$	$gl$	$p$
	9-10 anos (n = 105)	11 anos (n = 123)	12-13 anos (n = 151)	14-16 anos (n = 102)			
	$M$ (DP)	$M$ (DP)	$M$ (DP)	$M$ (DP)			
Comportamento <i>Pro-Bully</i>	1.17 (0.37)	1.29 (0.53)	1.27 (0.42)	1.18 (0.46)	2.38	3,477	.069
Comportamento Defensor	2.75 (0.60)	2.65 (0.69)	2.55 (0.70)	2.44 (0.71)	4.10	3,477	.007
Comportamento <i>Outsider</i>	2.93 (1.01)	3.27 (1.12)	3.11 (1.08)	3.06 (1.00)	2.00	3,477	.113

No que respeita aos motivos que levam ou não à intervenção, os resultados apresentados na Tabela 5 mostram que existe uma diferença significativa entre os grupos de idade ao nível do fator desengajamento moral. O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as do grupo de idade 14-16anos e os restantes 3 grupos, isto é, o grupo dos 9-10anos ( $p < .001$ ), o grupo dos 11anos ( $p < .001$ ) e o grupo dos 12-13anos ( $p = .001$ ). Os dados obtidos parecem revelar que os/as alunos/as entre os 14 e os 16 anos são os/as que utilizam menos os mecanismos de desengajamento moral, comparativamente com os restantes três grupos de idade. Assim sendo, parece existir um decréscimo na utilização de mecanismos de desengajamento moral (no *bullying*) com o avançar da idade.

**Tabela 5.** Médias e desvios padrão dos diferentes fatores da ECOB em função da idade (ANOVA).

	Grupos de idade				F	gl	p
	9-10 anos	11 anos	12-13 anos	14-16 anos			
	(n = 105)	(n = 123)	(n = 151)	(n = 102)			
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Falta de sensibilidade moral básica	1.88 (0.80)	1.86 (0.88)	2.00 (0.96)	1.85 (0.82)	0.91	3,477	.434
Afastamento da situação de <i>bullying</i>	3.69 (1.26)	3.99 (1.41)	3.66 (1.31)	3.67 (1.20)	1.78	3,477	.150
Empatia	6.29 (0.78)	6.23 (0.92)	6.24 (0.81)	6.38 (0.71)	0.81	3,477	.492
Desengajamento moral	2.88 (1.58)	2.70 (1.38)	2.52 (1.39)	1.83 (1.13)	11.52	3,477	.000

Quanto à relação entre os tipos de comportamento dos/as observadores/as e os motivos que os/as influenciam a intervir ou não, a Tabela 6 apresenta as correlações existentes entre os fatores da ECOB, os fatores da EASMB, bem como as correlações existentes entre os fatores das duas escalas.

**Tabela 6.** Correlações de Pearson entre os fatores da ECOB e os fatores da EASMB.

	1	2	3	4	5	6	7
1. Comportamento pro- <i>bully</i>							
2. Comportamento defensor	.088						
3. Comportamento outsider	-.067	-.213*					
4. Falta de sensibilidade moral básica	.476*	-.157*	.051				
5. Afastamento da situação de <i>bullying</i>	.037	-.413*	.419*	.261*			
6. Empatia	-.337*	.244*	.024	-.423*	-.149*		
7. Desengajamento moral	.277*	.119*	-.066	.298*	.042	-.200*	

\* p<.01

## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos permitiram evidenciar diferenças significativas entre rapazes e raparigas, bem como entre os grupos de idade, no que diz respeito aos comportamentos apresentados nas situações de *bullying* e às razões que influenciam o/a observador/a a intervir ou não em tais situações. Em primeiro lugar, os resultados mostram que comparativamente aos rapazes, as raparigas são mais propensas a atuar como defensoras, enquanto eles são mais propensos a atuar como pro-*bullies*. Por outro lado, comparativamente às raparigas, os rapazes mostraram uma maior insensibilidade para reconhecer os efeitos prejudiciais do *bullying* e simpatizar com as vítimas (i.e. falta de sensibilidade moral básica), bem como uma menor capacidade para compreender e experienciar os sentimentos de outra pessoa (i.e. empatia). Resultados semelhantes têm sido verificados em vários estudos sobre *bullying* (cf. Goossens, Olthof, & Dekker, 2006; Oh & Hazler, 2009; Pöyhönen, Juvonen, & Salmivalli, 2010; Salmivalli et al., 1996; Thornberg & Jungert, 2013), o que poderá ser explicado por diferenças de sexo na socialização de rapazes e raparigas. Em segundo lugar, enquanto observadores/as de *bullying*, os/as alunos/as mais novos/as mostraram-se significativamente mais propensos/as a atuar como defensores/as do que os/as alunos/as mais velhos/as. Vários outros estudos concluem que as crianças mais novas tendem a dar mais suporte às vítimas do que os/as alunos/as mais velhos/as (cf. Pöyhönen et al., 2010; Salmivalli & Voeten, 2004), o que poderá ser explicado pelo papel das normas dos grupos de pares. Assim, estudantes mais velhos/as tenderiam a sentir que os comportamentos pro-*bullying* não são tão condenáveis, mas talvez até mesmo esperados por parte dos seus pares, pelo que seria melhor não se envolverem em comportamentos anti-*bullying* (Salmivalli & Voeten, 2004).

Tal como em outras investigações (e.g., Thornberg et al., 2012; Thornberg & Jungert, 2013), os resultados deste estudo mostram que o Comportamento Pro-*Bully* se relaciona com a falta de sensibilidade moral básica, com baixos níveis de empatia e com a utilização elevada de mecanismos de desengajamento moral; por sua vez o Comportamento Defensor relaciona-se com níveis altos de sensibilidade moral básica e de empatia, níveis baixos de afastamento da situação de *bullying*.

Os resultados da presente investigação dão suporte às perspetivas do *bullying* que ressaltam a importância de olhá-lo como um fenómeno de grupo, salientando ainda a importância que os/as observadores/as podem ter na prevenção e intervenção do mesmo. Foram encontradas pistas sobre alguns dos motivos que influenciam o/a observador/a a intervir ou não nas situações de *bullying*, pelo que importa que investigações futuras possam aprofundar o conhecimento sobre esses motivos.

## REFERÊNCIAS

- Atlas, R. S., & Pepler, D. J. (1998). Observations of bullying in the classroom. *The Journal of Educational Research*, 92, 86–99. <https://doi.org/10.1080/00220679809597580>
- Baldry, A. C., & Farrington, D. P. (2000). Bullies and delinquents: Personal characteristics and parental styles. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 10, 17–31. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1298\(200001/02\)10:1<17::AID-CASP526>3.0.CO;2-M](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1298(200001/02)10:1<17::AID-CASP526>3.0.CO;2-M)
- Berger, K. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90–126. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2006.08.002>
- Carvalhosa, S. (2009). Prevention of bullying in schools: An ecological model. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1, 129–134.
- Craig, W. M., & Pepler, D. J. (1997). Observations of *bullying* and victimization in the school yard. *Canadian Journal of School Psychology*, 13, 41–60. <https://doi.org/10.1177/082957359801300205>
- Duncan, R. D. (2004). The impact of family relationships on school bullies and their victims. In D. L. Espelage, & S. M. Swearer (Eds.), *Bullying in American schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention* (pp. 227–244). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Espelage, D. L., Bosworth, K., & Simon, T. R. (2000). Examining the social context of bullying behaviors in early adolescence. *Journal of Counseling & Development*, 78, 326–333. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2000.tb01914.x>
- Espelage, D. L., Holt, M. K., & Henkel, R. R. (2003). Examination of peer-group contextual effects on aggression during early adolescence. *Child Development*, 74, 205–220. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00531>
- Fekkes, M., Pijpers, F., & Verloove-Vanhorick, S. (2005). Bullying: Who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. *Health Education Research*, 20, 81–91. <https://doi.org/10.1093/her/cyg100>
- Goossens, F. A., Olthof, T., & Dekker, P. H. (2006). New Participant Role Scales: Comparison between various criteria for assigning roles and indications for their validity. *Aggressive Behavior*, 32, 343–357. <https://doi.org/10.1002/ab.20133>
- Hawkins, D. L., Pepler, D., & Craig, W. (2001). Naturalistic observations of peer interventions in bullying. *Social Development*, 10, 512–527. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00178>
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5ª Ed.). Pero Pinheiro: Report Number.
- O’Connell, P., Pepler, D., & Craig, W. (1999). Peer involvement in bullying: Insights and challenges for intervention. *Journal of Adolescence*, 22, 437–452. <https://doi.org/10.1006/jado.1999.0238>
- Oh, I., & Hazler, R. (2009). Contributions of personal and situational factors to bystanders’ reactions to school bullying. *School Psychology International*, 30, 291–310. <https://doi.org/10.1177/0143034309106499>
- Pereira, S. (2015). “Vejo, não vejo...” *Fatores motivacionais que levam os observadores a ajudar ou não as vítimas de bullying*. Dissertação de Mestrado não publicada. Évora: Universidade de Évora.
- Pöyhönen, V., Juvonen, J., & Salmivalli, C. (2010). What does it take to stand up for the victim of *bullying*? The interplay between personal and social factors. *Merrill-Palmer Quarterly*, 56, 143–163. <https://doi.org/10.1353/mpq.0.0046>
- Rose, C. A., Nickerson, A. B., & Stormont, M. (2015). Advancing bullying research from a social-ecological lens: An introduction to the special issue. *School Psychology Review*, 44, 339–352. <https://doi.org/10.17105/15-0134.1>
- Salmivalli, C. (1999). Participant role approach to school bullying: Implications for interventions. *Journal of Adolescence*, 22, 453–459. <https://doi.org/10.1006/jado.1999.0239>
- Salmivalli, C., Kärnä, A., & Poskiparta, E. (2010). From peer putdowns to peer support: A theoretical model and how it translated into a National Anti-Bullying Program. In S. R. Jimerson, S. M. Swearer, & D. L. Espelage (Eds.), *Handbook of bullying in schools: An international perspective* (pp. 441–454). New York: Routledge.
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). *Bullying* as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, 22, 1–15. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T)
- Salmivalli, C., & Voeten, M. (2004). Connections between attitudes, group norms, and behaviour in bullying situations. *International Journal of Behavioral Development*, 28, 246–258. <https://doi.org/10.1080/01650250344000488>
- Salmivalli, C., Voeten, M., & Poskiparta, E. (2011). Bystanders matter: Associations between reinforcing, defending, and the frequency of bullying behavior in classrooms. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 40, 668–76. <https://doi.org/10.1080/15374416.2011.597090>

- Sanders, C. E. (2004). What is bullying? In C. E. Sanders, & G. D. Phye (Eds.), *Bullying: Implications for the classroom* (pp. 1-18). California: Elsevier Academic Press.
- Sutton, J., & Smith, P. K. (1999). Bullying as a group process: An adaptation of the participant role approach. *Aggressive Behavior*, 25, 97-111. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1999\)25:2<97::AID-AB3>3.0.CO;2-7](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1999)25:2<97::AID-AB3>3.0.CO;2-7)
- Thornberg, R., & Jungert, T. (2013). Bystander behavior in bullying situations: Basic moral sensitivity, moral disengagement and defender self-efficacy. *Journal of Adolescence*, 36, 475-483. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.02.003>
- Thornberg, R., Tenenbaum, L., Varjas, K., Meyers, J., Jungert, T., & Vanegas, G. (2012). Bystander motivation in bullying incidents: To intervene or not to intervene? *Western Journal of Emergency Medicine*, 13, 247-252. <https://doi.org/10.5811/westjem.2012.3.11792>
- Tsang, S., Hui, E., & Law, B. (2011). Bystander position taking in school bullying: the role of positive identity, self-efficacy, and self-determination. *The Scientific World Journal*, 11, 2278-2286. <https://doi.org/10.1100/2011/531474>
- Twemlow, S. W., Fonagy, P., & Sacco, F. C. (2004). The role of the bystander in the social architecture of bullying and violence in schools and communities. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1036, 215-232. <https://doi.org/10.1196/annals.1330.014>
- Unnever, J. D. (2005). Bullies, aggressive victims, and victims: Are they distinct groups? *Aggressive Behavior*, 31, 153-171. <https://doi.org/10.1002/ab.20083>

*Historial do artigo*

Recebido 31/07/2016  
Aceite 07/09/2017  
Publicado 11/2017